

Os desafios do século XXI para professores de história antiga e medieval

Imersos no mundo acelerado e paradoxal por vezes, o pesquisador de História pode se ver muitas vezes desconectado com a sociedade de seu tempo. O tempo que Bauman já anunciara como líquido, fugaz, etéreo é o mesmo vivido pelo pesquisador no século XXI. Em grande medida, isso é reflexo – também sentido em outras áreas do conhecimento – das fortes mudanças ocorridas nas últimas décadas no campo da informação e da experimentação do tempo a partir dela. É nesse contexto que estreiteza do raciocínio e confusão na compreensão de mundo encontram terreno solidário e ganham uma designação: *pós verdade*. A partir desse horizonte proponho uma reflexão sobre a atuação do pesquisador/professor na área de História antiga e medieval no Brasil face às dificuldades inerentes ao ofício e frente às diversas formas que seus objetos foram e são apresentados, sobretudo nas redes sociais. Por outro lado, considero também que o produto extraído do exercício da pesquisa acadêmica, consolidado há milênios, que são resultados de um trabalho singular que, a meu ver não pode ser sem prejuízos, transformado ao sabor dos novos tempos, agora se veem diminuídos em valor e significado. Chamo a atenção para a singularidade do trabalho de pesquisa e labor intelectual, sobretudo na área da História Antiga e Medieval justamente porque Historiador ainda deve preocupar-se se seu trabalho é acessível a qualquer um ou somente o público especializado, com treinamento técnico e teórico. Dessa forma quero dizer que, o labor da pesquisa é também um caminho para produção de instrumentos que somam conteúdo a acessibilidade ao público diverso. Friso que tal problema é muito mais sério, no Brasil, nas áreas de pesquisa em História conhecidas como Antiga e Medieval. Embora em crescimento, ainda são poucas as instituições que oferecem pós-graduação em História Antiga, por exemplo, onde há poucos centros nos quais se desenvolvem pesquisas sobre a Antiguidade. Como se pode notar, trata-se de centros muito concentrados na região sudeste do país. E infelizmente muitos destes profissionais recém formados negam-se a sair desta região e se aventurar em universidades que se encontram fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo como afirma Gonçalves (2000). Somam-se ainda precariedade de nossas bibliotecas; lenta tradução de títulos bibliográficos e de fontes textuais para o português, o que dificulta inclusive o trabalho com os alunos em sala de aula; não conhecemos programas de saúde mental para tais pesquisadores; as regiões norte, nordeste e centro-oeste sofrem com dificuldades gigantescas para aprenderem outro idioma (extremamente necessários para essa área), sem se falar em línguas ditas mortas. Como se tudo isso não bastasse, temos ainda uma avalanche imediatista; mudanças de cenários políticos institucionais de maior ou menor instância; circulação das ideias *niilista*, pós-estruturalistas mal compreendidas e dos usos e abusos de seus objetos em favor de um projeto político maniqueísta, por isso o é urgente Simpósios temáticos, mini-cursos, mesas, encontros, colóquios, cursos

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

e especializações que enfrente os problemas aumentando a produção nessa específica área do saber.